

paños. En los dos seminarios de Thepoçotlán y Pázcaro on necesarios dos, por lomenos, en cada uno: el uno para maestro de la lengua, el otro para tratar y ayudar los índios. En Guajaca (Oaxaca) es necesaria también otra lengua para los mismos índios dela cuidad”.

O uso e importância da língua nativa na catequização são documentados constantemente. A carta ânua de março de 1480 informava acerca da missão de Pátzcuáro: “Aprenden algunos de los nuestros lengua tarasca, que corre en aquella provincia, y confiesan ya y predicán en ella. Cada dia se ve mayor aprovechamiento en la juventud con la escuela de niños índios, procurando promoverlos adelante en la latinidad. Anse echo de aquel colegio muchas misiones por todo aquitl descricto con mucho fructo”. Em outra carta ânua, a de abril de 1552, que alude aos trabalhos desenvolvidos no colégio de Valladolid (atual Morelia), encontramos: “Después que se puso aqui un padre que sabe la lengua de los índios desta provincia se ve en ellos (índios) muchos acrecentamiento en virtud, y oyen de muy buena gana los sermones que el dicho padre les predica, todos los domingos; y sa len de ellos, de ordinario, muchos deseo de confesarse, de suerte que nunca faltan confesiones, y algunas de ellas generales”.

O certo é que ao utilizarem as línguas indígenas americanas para nelas exercerem seu apostolado, os jesuítas deixaram documentos lingüísticos de alta valia, semelhante, *mutatis mutandis*, aos estudos modernos feitos pelo membro de *Summer Institute of Linguistics*, que estão a documentar com proficiência e acuidade um sem número de línguas indígenas.

Erasmu d'A. Magalhães

\*

MAX H. BOUDIN. *Dicionário de tupi moderno (dialeto tembé-tênêtéhar do alto rio Gurupi)*. São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. 2 cols. 344 + 393 p.

Ao lado dos principais centros de investigação de línguas indígenas brasiltiras (Museu Nacional, Museu Paraense Emílio Goeldi, etc.) surgem figuras isoladas que estão a enriquecer a bibliografia especializada.

Dentre estas últimas é forçoso citar o nome de Max Boudin, professor com grande experiência em pesquisa de campo, autor de muitos estudos, entre outros: “Singula-ridades da língua Ia-té “(1950)”; Apontamentos para um estudo da língua Kre-Yé, dialeto Timbira do alto Gurupi “(1950)”, Os índios Fulniô “(1964)”. O simbolismo verbal primitivo — análise estruturalista de um dialeto tupi-guarani “(1963)”.

O último trabalho citado constitui, sem sombra de dúvida, complemento indispen-sável do dicionário aqui resenhado, estudando o dialeto Tembê (Língua Tenetehara —

Família Tupi-Guarani — Tronco Lingüístico Tupi) não só pelo processo expositivo, como também pelo processo explicativo.

O dicionário, que compreende dois volumes (Tembé-Ténêthar-Português e Português-Tembé-Ténêthar), contém mais de 10.000 verbetes, apresentados através de duas colunas, de 46 linhas cada uma, por página.

O trabalho faz parte de um plano de estudos realizado no decurso de dois anos de convívio entre os índios do alto e médio rio Gurupi. Tinha ele, por finalidade, o levantamento exaustivo das línguas indígenas faladas na referida área, ou seja, os dialetos tupi dos Urubus e dos Tembê, e a língua dos remanescentes Timbira (grupo Jê), atualmente localizados no posto indígena "Pedro Dantas".

A leitura dos verbetes está a demonstrar que não se trata de um dicionário que apresenta um simples elenco vocabular.

Cada palavra está estudada em sua dupla esfera de significação, abarcando inclusive os campos semânticos, o que permite bons subsídios para as investigações que dizem respeito às relações língua e cultura.

O autor segue de perto os ensinamentos de Ernst Cassirer: "Para compreender a linguagem, não se deve deter em suas formas, porém procurar a lei interna de sua formação. Não é lícito considerá-la como uma coisa acabada, como um produto. Pelo contrário, temos que ver nela uma produção, um trabalho do espírito, que se repete eternamente" (*Psicologia del lenguaje*).

Não poucos verbetes acupam toda uma coluna (Aipo-isso, isto; Amo-aipo — quem (relativo); Hetá-muitos; Kwêhé-há tempo, faz tempo, muito tempo; Mani'ôk — mandioca; Ni — nunca, nem; Pitun — noite, trevas, escuridão, anoitecer; Rehé — com (sem movimento), contra ((em movimento) em lugar indefinido por causa de, em direção a; etc.) e às vezes 2 colunas ou mais (por exemplo: Ikó — morar, viver, ser, estar; Ka'á — mata, folha erva, vegetal; Rekó — ter, considerar como, reter, conter; Tatá — fogo; Tuwa — rosto, semblante, frente, fachada, lado; Wira — pau, madeira, árvore).

O leitor interessado terá na obra material para suas pesquisas de índole diacrônica. Isto é possível na medida em que o autor remete e reproduz, de modo pertinente, os ensinamentos e apontamentos de Antonio Rois de Montoya, o clássico estudioso do guarani do primeiro século da colonização, de Paulo Restivo, continuador da obra do primeiro, e de Batista Caetano de Almeida Nogueira, o grande conhecedor brasileiro do guarani.

Para anotações que interessam à geografia lingüística ou à lingüística comparada, há em cada verbete a palavra correspondente em guarani, haurida em Saturnino Muniagurria e Anselmo Jover Peralta, autoridades incontestes na língua "nativa" falada pelo grosso da população paraguaia.

A parte final do segundo volume está ocupada por uma "Gramática sinótica" (p. 365-93), onde são estudados os substantivos, os adjetivos, os pronomes pessoais, os verbos e os advérbios.

É de se esperar que o autor dê continuidade a seu trabalho e publique, em tempo mui breve, a sua interpretação lingüística da cultura tupi: *Palavras e coisas tupi-guarani do Brasil*.

*Erasmu d'Almeida Magalhães*

\*

VLADIMÍR KOZÁK, DAVID BAXTER, LAILA WILLIAMSON and ROBERT L. CARNEIRO: *The Héta Indians: fihs in a dry pond*. Anthropological Papers of the American Museum of Natural History, vol. 55, part 6, pp. 349-434, 68 figuras no texto. Nova York 1979. (preço: US\$6.15)

A 3 de janeiro de 1979 morria em Curitiba Vladimír Kozák. Pobre, doente, mal conhecido no Brasil onde, desde 1925, pintava, fotografava e filmava índios. Agora, logo após a sua morte, sai a monografia sobre os extintos Héta (Botocudo, Kurutó, Aré, vaparé, Xatá) da terra dos Dourados, noroeste do Paraná, aos quais visitou cerca de 20 vezes a partir de 1955. Robert L. Carneiro, o merecido incentivador de Kozák e editor do trabalho, observa na introdução: "O presente trabalho constitui decididamente a maior coleção de informações até agora publicadas sobre os Héta e devido ao seu virtual extermínio, trata-se do último conjunto substancial de dados que sobre eles aparecerá" (p. 355, tradução nossa).

Informações mais detalhadas sobre a vida e os feitos do pesquisador checo encontram-se no longo necrológio que lhe dedicou Edilberto Trevisan no volume 36 do Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense e que inclui uma lista de 19 filmes etnográficos deixados dos Kozák.

Esta primeira e última monografia sobre os Héta foi feita a oito mãos. Robert L. Carneiro narra a longa e complicada história de sua confecção. Em 1967, a Fundação Glenbow de Calgary, Alberta, comprou uma coleção de artefatos indígenas e de aquarelas de Kozák. Encarregado da catalogação do material, David Baxter começou a corresponder-se com o pesquisador e em 1969 passou quatro meses em Curitiba inventariando todos os filmes de Kozák. Confrontando a documentação fílmica e as notas de campo do autor sobre os Héta, Baxter redigiu um manuscrito de 44 páginas, enviando-o em 1971 para Robert L. Carneiro que se propôs a publicá-lo depois de uma revisão. Em 1973, Baxter retirou-se do projeto por sobrecarga acadêmica e Carneiro pediu a sua assistente de pesquisa que continuasse o trabalho. Laila Williamson mergulhou na tarefa, rastreando na bibliografia tudo o que fora escrito sobre os Héta, buscando detalhes etnográficos na correspondência Kozák-Carneiro e